

Índice

<i>Notas de abertura</i>	11
Luís Aires-Barros	
Sofia Colares Alves	
<i>Prefácio</i>	15
João Rosa Lã	
<i>Intervenção de Sua Excelência o Presidente da República</i>	19
Marcelo Rebelo de Sousa	

1.ª DÉCADA 1986-1996 AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES

Portugal a aderir, a Europa a mudar: a primeira década como Estado-membro.	33
<i>Alice Cunha</i>	
A primeira década na União Europeia	41
<i>Aníbal Cavaco Silva</i>	
Os fundos estruturais e de coesão e o desenvolvimento do país	61
<i>Luís Valente de Oliveira</i>	



AS DÉCADAS DA EUROPA

A evolução das Políticas Comuns de Agricultura e das Pescas e sua aplicação em Portugal na primeira década da adesão à CEE	81
<i>Arlindo Cunha</i>	
Portugal face aos desenvolvimentos internos europeus e mudanças internacionais	103
<i>João de Deus Pinheiro</i>	
A primeira presidência portuguesa	123
<i>Vítor Martins</i>	
Os portugueses de Bruxelas	139
<i>Emílio Rui Vilar</i>	
<i>António Figueiredo Lopes</i>	
<i>Eurico Cabral da Fonseca</i>	



2.ª DÉCADA 1997-2007 O GRANDE SALTO EM FRENTE



A segunda década – O grande salto em frente.	171
<i>Pedro de Sampaio Nunes</i>	
A construção da União Económica e Monetária – A introdução do Euro	179
<i>Carlos Costa</i>	
Portugal na justiça europeia: 30 anos de jurisprudência ao serviço da construção europeia	199
<i>José Luís da Cruz Vilaça</i>	
A visão estratégica para vencer o século XXI e a afetação dos fundos comunitários	227
<i>João Cravinho</i>	





ÍNDICE

A segunda presidência portuguesa. A Agenda de Lisboa	297
<i>Francisco Seixas da Costa</i>	
O balanço da segunda década: consolidação de um projeto ou a crise da esperança?	315
<i>Maria João Rodrigues</i>	
<i>José Ribeiro e Castro</i>	
<i>Pedro de Sampaio Nunes</i>	

3.ª DÉCADA 2008-2017 AS GRANDES CRISES

A terceira década e as grandes crises	341
<i>João Rosa Lã</i>	
O QREN e Portugal 2020: impacto de três décadas de fundos estruturais	347
<i>Augusto Mateus</i>	
Uma perspetiva portuguesa para a União Europeia	411
<i>José Manuel Durão Barroso</i>	
Portugal e três décadas de Política de Segurança e Defesa na União Europeia	429
<i>Luís Valença Pinto</i>	
A crise do Ocidente e o futuro da integração europeia	449
<i>Luís Amado</i>	
A intervenção da Troika: causas, consequências e lições	463
<i>Maria Luís Albuquerque</i>	





Notas de abertura

É com grande prazer que prefacio o volume que contém os textos das conferências, realizadas durante 2018, submetidas ao tema as “Décadas da Europa” organizadas pela Comissão Europeia.

Devo salientar que esta Comissão, sob orientação do seu Presidente Embaixador Rosa Lã, vem-se dedicando a evocar os principais passos que foram necessários para a nossa adesão à Comunidade Europeia, bem como os principais eventos ocorridos no importante lapso de tempo de mais de 30 anos da nossa adesão até hoje.

Foi assim que surgiram as duas publicações anteriores – *Memórias da Adesão*, em 2016, e a *Europa na Encruzilhada*, em 2018 – em que estão compiladas todas as conferências realizadas para a evocação dos factos principais da história daqueles eventos.

São dois volumes de grande valia em que colaboraram muitos dos atores que participaram nos eventos de vários tipos: inúmeras reuniões internacionais decisivas, um enorme trabalho de preparação de dossiers para levar a bom termo aquelas reuniões defendendo os interesses nacionais, etc.

Em 2018 desenvolveu-se o Ciclo de Conferências “As Décadas da Europa”. A primeira década (de 1986 a 1996) foi designada como a das “Grandes Transformações”.

Prefácio

JOÃO ROSA LÃ

Com a publicação deste terceiro livro *As Décadas da Europa*, terminamos a principal tarefa a que nos propusemos quando assumimos a responsabilidade de dirigir a Comissão Europeia da Sociedade de Geografia de Lisboa. Essa tarefa foi a de promover o registo, para memória futura, dos depoimentos, dos testemunhos e das reflexões de alguns dos muitos portugueses que, desde o início da década de 70 do século passado, dedicaram o melhor do seu trabalho, esforço e empenho para concretizar a integração de Portugal no projeto europeu, nascido após a última guerra mundial.

Com esse objetivo, e em parceria com o Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e a Representação da Comissão Europeia em Lisboa, cuja colaboração muito agradecemos, organizámos três ciclos de conferências e mesas redondas, procurando cobrir todo o período que decorre desde o início oficial das negociações para a adesão de Portugal às Comunidades Europeias até ao momento atual.

O primeiro desses ciclos, iniciado em 2015, teve como principal objetivo o registo histórico do processo de negociações para a entrada de Portugal nas C.E., através dos testemunhos de alguns dos protagonistas desse período, os quais foram publicados no livro *As Memórias da Adesão. À Mesa das Negociações*.



Em 2016-17, o segundo ciclo desta iniciativa foi dedicado aos grandes desafios que a União Europeia enfrenta e os caminhos do futuro, numa altura em que o próprio projeto europeu é posto em causa, duvidando alguns, mesmo, da sua viabilidade. Reunimos depoimentos, análises e reflexões de algumas das personalidades mais relevantes dos nossos meios académicos, políticos e de análise política, com diversa orientação ideológica. Também deste ciclo foi publicado um livro, *A Europa na Encruzilhada*.

Durante todo o ano de 2018, a Comissão Europeia da Sociedade de Geografia de Lisboa realizou o registo histórico do que aconteceu nas primeiras três décadas de participação plena nesta aventura coletiva, que transformaram profundamente a sociedade portuguesa, num ciclo intitulado “As Décadas da Europa”. Este foi dividido em três décadas, a de 1986-1996 – “As grandes transformações” – a de 1996-2005 – “O grande salto em frente” – e de 2006 até agora, “As grandes crises”, tendo-se procurado obter o testemunho dos principais protagonistas políticos desses períodos.

Acreditamos que com a recolha de todos estes testemunhos diretos, das reflexões feitas e das análises produzidas – que muitas vezes suscitaram dúvidas e, porventura, não poucas perplexidades – estaremos a contribuir para ajudar a melhor compreender e a interpretar a complexidade que nos envolve e que dificulta a identificação de bases sólidas para assegurar a construção do nosso futuro coletivo. Ficaremos, assim, um pouco melhor preparados para poder tentar dar respostas adequadas às perguntas que qualquer português formula, quando confrontado com a incerteza do futuro que nos espera:

- Que queremos para o futuro do nosso País? E o que é que definitivamente procuramos, enquanto comunidade coletiva?
- Será o projeto de integração europeia a nossa melhor esperança para continuarmos a ser uma “Nação viável”? Haverá outras alternativas sólidas para assegurar o futuro coletivo, como Nação? E se sim, quais são, onde estão? E em que condições e com que meios contamos para as alcançarmos?



PREFÁCIO

- Face aos complexos problemas que a União Europeia enfrenta e à aparente incapacidade de lhes dar resposta em tempo útil e de forma definitiva, que reformas têm de ser feitas e quem as poderá levar a cabo?
- Quais as soluções que melhor nos podem convir e de que meios dispomos para os poder alcançar? Quais as nossas capacidades para promover ou influenciar qualquer um dos cenários que se nos apresentam?

Todas estas questões, pertinentes e irrecusáveis, deveriam merecer uma ampla reflexão por parte de todos: órgãos de soberania, agentes económicos, atores sociais e restantes elementos da sociedade civil. Estaríamos, assim, a contribuir para a formação de uma estratégia nacional eficaz, para assegurar a melhor defesa dos interesses portugueses, e como fazê-lo, aproveitando o seu cruzamento com os interesses dos nossos parceiros mais próximos.

Uma questão essencial se coloca: como reforçar e valorizar os meios de que dispomos, de forma a assegurarmos a viabilidade do País e de contribuirmos para que o equilíbrio europeu e mundial nos seja o mais favorável possível. Estou a pensar, por exemplo, na exploração das riquezas da nossa plataforma continental redimensionada, no pleno aproveitamento das nossas capacidades em matéria de energias renováveis ou na qualidade que mostramos no domínio das novas tecnologias digitais, ou, ainda, na potencialização internacional do espaço da lusofonia e da existência de uma forte rede de comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo.

Também aqui se joga o nosso futuro coletivo, como comunidade regional com influência global, sem a qual o nosso destino ficará nas mãos dos outros. E aí, sim, ficaremos à mercê dos mais fortes¹.

¹ Para uma abordagem mais profunda desta problemática, recomendo a leitura do magnífico estudo do Dr. Pedro Marinho da Costa *As Crises e os Homens no Século XXI. O Sentido da História e o Portugal Europeu*, editado pela Esfera do Caos e apoiado pela CE da SGL, de onde recolhi algumas das reflexões que aqui apresento.



AS DÉCADAS DA EUROPA

Acredito que este será um dos maiores e decisivos desafios que todos nós, portugueses, temos de enfrentar.

Daí termos sido levados a empreender esta tarefa. Modesta nos seus meios, mas ambiciosa nos objetivos.

Se tivermos contribuído, por pouco que seja, para chamar a atenção dos portugueses para o grande esforço que teremos de fazer, para a necessidade de convocarmos todas as nossas forças, seja para reforçar a nossa influencia junto dos nossos parceiros, seja para evitar que a Europa soçobre ou se desagregue e, com ela, Portugal se enfraqueça e dilua, teremos alcançado muito mais do que nos propusemos.

